PARA TODOS...
rio de janeiro
9 de abril
1 9 3 2
NVM. 695.
1$500
LULA
1932

Musculos
de aço
obtêm-se
com...ferro
A força só reside em orga-
nismos tonificados.
Tonificar o organismo é
dar ao corpo os elementos que
produzem força e robustez.
O melhor Tonico conhecido
é o "Nutrion". Contendo ferro
chimico em sua formula, o
"Nutrion" enriquece de hemo-
globinas o sangue e torna rijos
os musculos. — Cada vidro de
"Nutrion" é um reservatorio de
Força e de Vigor!
NutrioN
NutrioN
TONICO
KOHOUT - NewYork.

Para todos...

DIRECTORES

ALVARO MOREYRA E OSWALDO LOUREIRO

ASSIGNATURAS

1 ANNO — 75$000

6 MEZES — 38$000

RUA DO OUVIDOR 181 — 1.º

END. TELEGR.: "PARATODOS"

TELEPHONE: 2-9654

Casa moderna construida em S. Paulo por Gregory Warshawick

Madame sae, em visita
A' amiga Dona Maricota.
— Como você 'stá bonita,
Sempre chic, dando a nota!
Diz a amiga assim que a vê.
— Acha? pois saiba Você
Que este vestido é já velho;
Dois mezes de uso já tem.
E' que tomei seu conselho:
Só compro agora tecidos
Tingidos
com corantes INDANTHREN.

Todas as senhoras devem fazer como Madame. Comprar sómente fazendas tintas com corantes

INDANTHREN

cujas côres resistem, de modo insuperado, ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

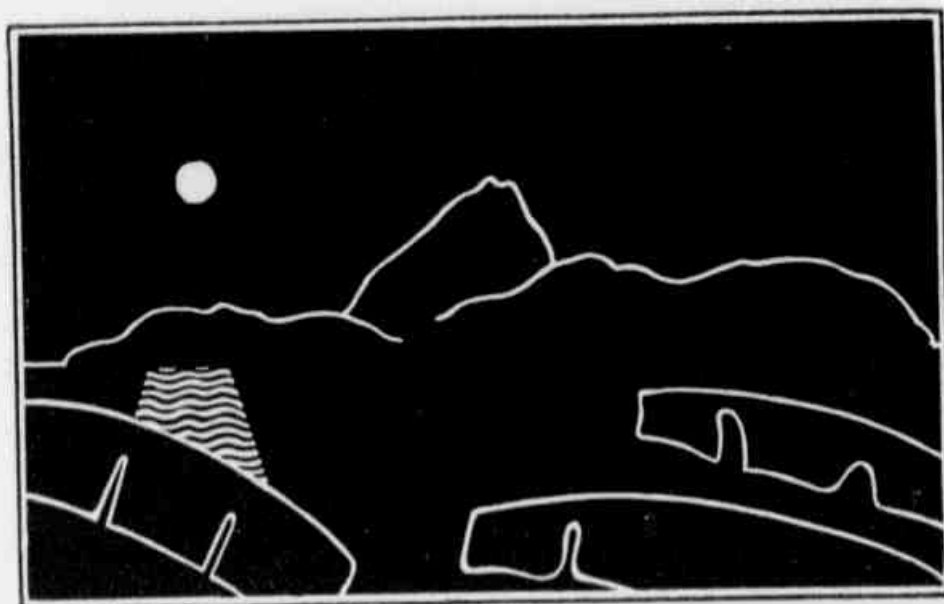
Um amigo excellente

TEMOS agora um excellente amigo na França. O senhor Francis de Croisset (né Wiener) chegou lá cheio de carinhos pelo Brasil. E continúa assim. De vez em quando a gente sabe que não só em publico, em particular tambem, o interessante escriptor diz bem disto aqui, dos habitantes, dos panoramas, do physico, do moral e do intermediario. Foi uma surpreza para elle o encontro de uma terra tão civilisada, de uma população tão instruida, a milhares de léguas do Boulevard. Surpreza immensa, que substituiu o heroismo do viajante. Elle veiu, ansioso por coisas novas, e vagamente afflicto, desconfiado de que ia arriscar a vida nas paizagens apinhadas de bichos grandes e pequenos. As cobras o allucinavam. Os anthropophagos então, nem é bom falar! punham arrepios no itinerario do senhor Francis de Croisset. O senhor Francis de Croisset quasi affirmava que era certo ser comido quando, nas entrevistas antes do embarque, respondia ás perguntas dos reporteres de Paris. Enganou-se. Num autor dramatico os enganos são sempre possiveis.

O padre Louis Bethléem, que compôz um guia theatral para as pessoas honestas, chamou o senhor Francis de Croisset de "hardi corrupteur... scabreux... licencieux... ennuyeux..."

O Brasil não adopta nenhum e protesta contra todos esses nomes feios.

O senhor Francis de Croisset é um amor...

ALVARO
MOREYRA

O CINEMA NA RUSSIA

A. MOM

ANTES de tudo, no cinema russo não ha estrellas, no sentido norte-americano e europeu, da palavra. A qualidade de estrella significa uma cathegoria, uma classe de privilegio, e a revolução aboliu para sempre essas coisas. A idéa collectivista bane as hierarchias officializadas, mesmo no dominio da arte. Por isso, na Russia Vermelha não ha estrellas. Além disso, no cinema sovietico as obras não são feitas para os actores, como em Hollywood, e sim, os actores para as peliculas. Devido a essa organisação, muitas vezes, dá-se o caso do ultimo e mais insignificante elemento da fita de hontem, assumir a responsabilidade e o brilho de estrella, na filmagem seguinte, e a estrella da vespera, occupar o recanto mais obscuro da pellicula. E isso não é obra da revolução. E sim de um ponto de vista artistico muito acertado.

Maria Pavlova Gonta

Não ha estrellas officialmente; mas, como em nenhuma outra parte, merecem as da Russia Vermelha o nome de estrellas, pela intelligencia, cultura e, muitas vezes, belleza.

Os studios da Mechrabpom Film funccionam num local que foi nos tempos do tzarismo, um grande casino e restaurante aristocratico. As suas duas immensas salas principaes conservam ainda alguma coisa do antigo caracter. Decoração Luiz XV e palanques para as orchestras. Esses palanques vazios, vazios para sempre, dão uma suggestão tragica...

Antes de entrar nos logares publicos na Russia tem-se que passar pelo vestiario. Em nenhum paiz vi tantos vestiarios como na Russia. Deixam-se nelles, sobretudos, chapéos, etc. Não sei se é um costume ou uma obrigação. Felizmente os vestiarios lá, são gratis...

Um homem, de pé, olhava contra a luz dos grandes focos, um trecho de film. Rodeavam-no dez ou doze soldados. Olhos e cabellos castanhos claros, blusa de couro com fecho de metal. A decoração do logar onde trabalhava era constituida sómente por uma porta de casa burgueza, diante da qual se achava um soldado em attitude de profunda meditação. O homem da blusa de couro, de rosto cheio e vivo, era o famoso director cinematographico Pudovkine. A elle se deve "A mãe", film inspirado na novella de Gorky, "O fim de São Petersburgo" e "A tempestade sobre a Asia". A ultima dessas fitas bastava para consagral-o entre os maiores cineastas do mundo. Pudovkine é uma celebridade, e nos circulos intellectuaes russos collocam-o ao lado de Einseinstein. Assim que nos avistou, deixou immediatamente o trabalho para nos attender. Lamentava só poder mostrar-nos detalhes e pequenas scenas. Os raios dos reflectores tombaram sobre o soldado e sobre a porta. Então, o director, junto da camara, poz-se a observal-o detidamente. Tudo o que naquelle momento disse Pudovkine e fez o soldado foi tão claro que tive a impressão de entender russo. O soldado batera tres vezes na porta e quando essa se abriu e o soldado parou suspenso, olhando a supposta pessoa que o recebia, viu-se claramente na sua expressão que ia dar uma má noticia e que sentira, de repente, uma terrivel dôr por ter que a dar. Naquella porta estava uma mãe. Nunca vi uma coisa tão extraordinariamente clara.

— Camarada Pudovkine, este seu artista é excellente!

— Não, este e todos os que vê aqui são soldados do exercito vermelho. Eu não trabalho com profissionaes, arranjo os meus interpretes de accordo com a indole do personagem. A unica excepção entre os presentes é o camarada Chistiakoff, aquelle sargento, lá.

O sargento Chistiakoff, ao ouvir o seu nome, approximou-se. Absolutamente identico a Gorky, o Gorky de poucos annos atraz.

O director Pudovkine ia continuar o seu trabalho, os interpretes esperavam. E combinamos que no dia seguinte eu iria em casa delle para conversarmos.

Assim que entrei nos "sets" ouvi uma voz que gritava de vez em quando: "Prigatóvili, náchali", prolongando as syllabas. Era a voz do joven director Ek, que trabalhava junto aos "sets" de Pudovkine. Approximo-me de Ek no instante em que, ao som daquellas palavras, uns trinta actores, homens e mulheres, começaram a cantar e a dansar com acompanhamento de sanfonas. A scena, que se passava numa taberna de infima classe, simulava uma orgia. Passavam de mão em mão as garrafas de vodka e se cobriam de turvas expressões e risos grotescos os rostos dos actores. Aspecto de vicio e de infamia na scena e nas creaturas. A figura de uma joven loura que tocava sanfona se destacava do grupo. Era um rosto fino de grandes olhos azues. Os seus gestos de cynysmo e embriaguez se acentuavam com o som da sanfona que tocava. Umas botas claras até metade da perna, o saiote muito curto, levantava-se com os movimentos que fazia, deixando ver as pernas núas, quasi que inteiramente; as roupas desabotoadas, apenas um corpinho cobrindo o peito, e muitas joias baratas, completavam o aspecto daquella belleza depravada. Parei olhando-a durante mais de uma hora. Não havia duvida de que se tratava de uma verdadeira artista e que estava desempenhando o papel magistralmente.

"Priegatóvili, náchali" outra vez. A primeira palavra queria dizer "preparar-se", as suas equivalentes em todos os studios e a segunda "andando". Palavras que têm as suas equivalentes em todos os studios do mundo.

Não me olhou com bons olhos, a formosura depravada, quando a chamaram para me apresentar. Fallava francez e comprehendia o inglez. Chamava-se Maria Gonta, Maria Paulovna Gonta, como me disse depois. Cursou brilhantemente os quatro annos da escola cinematographica de Moscou. Explicou-me, com um modo secco, que a fita reproduzia aspectos da vida dos menores abandonados que durante a revolução invadiram Moscou. Esses menores, que, chegados de todos os recantos da Russia, se entregavam ao vicio e ao latrocinio, e cuja presença constituiu um dos grandes problemas do Soviet. Havia mais de cem mil em Moscou. Agora não restava mais nenhum, desappareceram e se transformaram, nos asylos especiaes creados para elles, com uma efficacia surprehendente. Um arraigado sentido de selvagem liberdade e uma curiosa inclinação para o mal fazia desses menores, homens e mulheres, como que uma praga impressionante. O film mostrava a obra cultural do Soviet nesse sentido. Alguns delles, completamente transformados, trabalhavam na fita, para maior realismo. Maria Paulovna Gonta foi um delles, pensei logo...

Durante tres dias consecutivos frequentei o "set" da actriz que tinha a seu cargo o personagem feminino central da fita. Mas Maria Gouta me esquivava de uma maneira incrivel. Um dia fiz, para Pudovkine, um franco elogio da artista, emquanto assistiamos ao seu trabalho. Pouco depois vi o grande director fallar com ella. Ao terminar a filmagem, Maria Gouta approximou-se:

— Muito obrigada pelo elogio que fez

Marlene Dietrich

de mim ao companheiro Pudovkine. Eu admiro e quero muito a Pudovkine e somos muito amigos. Posso ir hoje jantar no seu hotel para conversarmos. Camarada Pudvkine me pediu.

Levei tempo para reconhecel-a na creatura que no salão de jantar do hotel veio até a minha mesa, com uma hora e meia de atrazo. Os cabellos louros penteados para traz, o rosto pallido e fino, finissimo, apenas com os labios e os olhos pintados, os olhos azues velados, olhos de uma terna e dolorida profundidade. Vestido de lã azul celeste, liso, absolutamente liso e elegante, o corpo esbelto, um andar repousado e seguro. Entre a belleza depravada da "fabrica" e a estranha e espiritualizada mulher que estava diante de mim, havia um abysmo tão grande que bastava para se julgar a grande artista que existe em Maria Paulovna Gonta.

— Bem vejo que sempre pensou que eu era como o personagem do meu papel...

— Nem tanto, Miss Gonta, mas...

— Peço-lhe chamar-me "camarada".

— Muito honrado, camarada Gouta. Peço-lhe desculpas.

Ella lia tranquillamente o menu. Emquanto isso, eu a olhava.

— Camarada Gonta, você é... Ia dizer uma princeza.

— Não, não, sou uma cossaca. Sou da Ukrania, do paiz onde os homens voltavam da guerra com uma mão cortada e com a outra brandindo a espada. Sou cossaca.

Maria Paulovna Gonta foi a maior amiga que tive na Russia. Creatura admiravel pela intelligencia e pelo espirito; sabia conquistar a admiração e o respeito de uma maneira immediata. Soffrera muito na vida e ao entardecer sempre tinha febre. Para ser o que era teve que lutar muito, realisar esforços, passar privações terriveis, trabalhar muito para viver e poder cursar os estudos artisticos. Tinha uma predilecção apaixonada pela pintura moderna. Dissertava sobre arte e litteratura com uma attitude de autoridade e uma entonação de voz que faziam da sua palestra um verdadeiro espectaculo de interesse e de graça. Não me lembro porque, um dia, fallava em Maurice Barrés. Interrompi-a para perguntar-lhe se conhecia tal passagem de tal livro, do grande escriptor. Respondeu-me, séria:

— Quando falo num escriptor é porque conheço tudo o que escreveu. Do contrario, não falaria.

Devia ter uns vinte e cinco annos, a camarada Gonta. Disse-me amar profundamente a sua Russia, a sua Russia nova. Sahiamos para pasear de trenó em Moscou e pelos arredores, de tarde e á noite. As vezes, quando estava melancolica, recitava em russo poemas de Puchkin. E quando estava contente cantava lindas canções cossacas que terminavam pondo-a triste. Vivia só, como a maioria das moças russas. Ensinou-me muitas coisas da Russia, e não conheci em nenhum ambiente cinematographico da Europa ou dos Estados Unidos, uma actriz que pudesse, remotamente, se approximar della em intelligencia e cultura.

Clark Gable

— O actor cinematographico — disse-me um dia — para realisar o ideal de verdade e reflexo directo da vida que deve ser a obra cinematographica, tem que possuir um typo representativo de uma classe social. E' o que eu chamaria actor delegado. Chistiakoff, por exemplo, é, nesse sentido, uma verdadeira descoberta de Pudovkine. Póde fazer um papel de soldado, ou de um camponez, ou de um operario russo, e sempre se verá nelle um typo exacto da realidade. E' esse o motivo da emoção das suas caracterisações, são um reflexo fiel da verdade. Não se póde nem se deve mentir em arte. E não temos o direito de impôr uma personalidade simplesmente original á fita, uma personalidade sem transcendencia social. Eu, que de nenhum modo possuo o typo de actor delegado, falo assim contra o meu proprio interesse, mas de accordo com as minhas idéas e a minha consciencia. E pretender impôr um typo sem as virtudes do actor delegado é um gesto de vaidade que não se deve tolerar. Ponho toda a minha alma no meu trabalho e por isso soffro e me debilito muito. As minhas intimas aspirações são de chegar a ser director. Ha artistas e ha figuras. Gloria Swanson é uma artista, Greta Garbo uma figura. Si analysar bem Greta Garbo, convencer-se-ha de que atraz do seu rosto, quando trabalha, não ha nada. Pôr na fita apenas typos de belleza é um erro. Quer dizer então, que só as mulheres e os homens bellos têm uma historia na vida? E que os que não são bellos nunca viveram nada digno de se contar? Só a cinematographia russa actualmente realisa esse ideal de coisa verdadeira. Por isso é que não cabem em nosso ambiente as estrellas officialisadas.

Muitas vezes Maria Paulovna falou-me nessas coisas. Punha um enthusiasmo enorme ao dissertar sobre as suas opiniões artisticas. Já escreveu argumentos e dirigiu pequenas fitas.

Na tarde em que fizemos um passeio pelas colinas de Lenine, de onde se domina o panorama de Moscou, e olhavamos as torres de ouro resplandecerem sob os ultimos raios do sol, vi se encherem os seus olhos de lagrimas. Quem sabe o que recordava! Estivera todo o dia muito preoccupada.

— Não devo chorar — disse de repente, com um movimento de reacção. — Devo ser mais forte do que a minha dôr.

Nunca lhe perguntei nada a respeito dessa dôr que a absorvia por completo e que carregava sempre patente nos lindos olhos.

— Não devo chorar — repetia depois de longos silencios.

E erguia as mãos pallidas e longas...

Greta Garbo

MISERIA

Por HENRI POULAILLE

Naquella tarde, por necessidade de confiar a boa nova a alguem, Madame Dumont foi buscar o filho na escola. Chegou no momento em que saiam todos. Uma multidão ruidosa enchia a pequena rua onde tres escolas se esvasiavam. Ouviam-se risos, appellos, gritos. Madame Dumont hesitava no meio da algazarra.

Rapazolas corriam, brutaes; meninas, mais calmas, caminhavam abraçadas, fazendo confidencias umas ás outras.

Nas esquinas da rua jogavam partidas de "gude", acompanhadas de fortes discussões.

Madame Dumont olhava para a direita e para a esquerda, procurando o seu garoto, que tardava. Estaria de castigo? Talvez tivesse passado sem que ella visse. Era bem possivel, pois áquella hora havia bem uns dois mil collegiaes postos em liberdade.

Entre os ultimos, o menino desceu os tres degraus de pedra, discutindo com uns collegas. Mãe e filho não se viram. Mas, um dos camaradas de Eugenio, reconhecendo MadameDumant, o preveniu:

— Gégéne, a tua mãe está te esperando.

Gégéne respondeu incredulo:

— Estás brincando!

Mas mesmo assim correu o olhar em torno para ver si o camarada dissera a verdade.

— Ah! mamãe! — exclamou, deixando os amigos, sem se despedir siquer.

— Que é que ha? — indagou, inquieto.

Ella se curvou e beijou-o.

— Nada... Vim ao teu encontro.

Elle deu-lhe a mão. Depois de alguns passos, ella confiou-lhe:

— Emfim achei um apartamento!

— Ah!...

— Um pequeno apartamento, mas ficaremos bem installados.

— Bravos!... — disse o garoto, subindo, com um tranco de cadeiras, a mala que lhe batia nas pernas.

Durante o longo percurso elle foi fazendo a mesma gymnastica com a maldita mala. Ella estava pesada, não de livros, mas de um mundo de coisas: dois porta-pennas cheios, uma bola, um sacco de bolas de "gude", pequenas ferramentas, uma atiradeira de pedras... toda a bagagem de um jogador apaixonado...

A mãe e o filho, monopolisados pelo "apartamento", não murmuravam uma só palavra.

Enervando-se por fim, contra a mala que descia sempre, decidiu-se a apertar as correias.

— Ficaremos mesmo na rua Saint-Charles, disse a mãe.

E o pequeno perguntou:

— Longe?... Onde?...

— Nos ultimos numeros.

— Ah!

Havia já seis mezes que, chegados do campo, moravam num pequeno hotel daquella rua, perto de um cinema. Todas as noites, á hora em que começava a sessão, assim que a campainha electrica soava, o menino se punha á janella.

— Oh! mamãe, quanta gente... Veja!...

Quando reconhecia alguem, chamava a attenção da mãe como se isso a pudesse interessar. Ella fazia "ah!" para deixal-o crer que o escutava.

Naquella noite, não se preoccupou com o aviso do cinema. Ficou tranquillo junto da mãe, a sonhar emquanto ella cosia.

— Quando é que vamos para esse apartamento? — perguntou.

— No momento opportuno, respondeu a mãe..., daqui a quinze dias. E' preciso primeiro que eu compre os moveis.

— Ah! — exclamou o menino, espantado.

Olhou para os que estavam no aposento, pensava que lhes pertencessem. Mas essa reflexão foi feita "á parte".

Desde que voltára, a mãe falava em tomar um apartamento. Procurava-o em vão, não apparecia nenhum, e ella chorava o que habitára ha annos na rua Cauchy, quando o marido ainda vivia. Isso datava de antes da guerra. Moraram nelle perto de dez annos. Dez bons annos que se teriam prolongado si a guerra não houvesse tomado o homem para fazer a mulher viuva e o filho orphão. Era uma pequena casa com tres locatarios. Um largo portão separava o edificio da rua. Do outro lado da rua via-se um vasto muro, mais alto do que as grandes arvores, que occultava os tumulos de um cemiterio. Só alguns monumentos mais altos denunciavam o ambiente e os visinhos. Visinhos bem tranquillos!... Entretanto, por causa delles, quasi os Dumont não alugaram o apartamento.

— Vou ter medo, confessára a mulher...

Mas o marido déra de hombros, — medo de que?... Ella cedêra, aliás muito rapidamente, e vira que não era nada sinistra a visinhança... Si os muros não fossem tão tristes, todos teriam a impressão de estarem diante de um parque e não de uma necropole. Milhares de passaros cantavam, embriagados com a alegria de viver, o vento espalhava no ar um perfume bom de arvores... "Como estavamos bem naquelle apartamento!" O menino não se lembrava. Era atravez das recordações da mãe que elle revia a morada de outros tempos...

Tinha tres peças. Mas o marido alugára tambem um barracão no pateo e installara uma officina de marceneiro. Homem simples e bom, a sua vida era trabalhar. Aos domingos, jogava bilhar.

O menino sonhava mais com o barracão do que com o apartamento. A mãe falára-lhe já muitas vezes em tres coelhos brancos — que criavam lá, numa gaiola feita pelo pae. Gégéne, pequenino, de camisola, brincava com elles. Ah! que alegria! Dava-lhes de comer e comia com elles; cenouras e nabos crús, capins, legumes murchos, restos de salada, tudo elle comeria tambem se a mãe não vigiasse. Para dizer a verdade, elle não se lembrava de nenhuma dessas coisas, mas tantas vezes ouviu contal-as, que imaginava lembrar-se. A idéa do apartamento o enthusiasmava. Via-se brincando com outros coelhos que criariam. O bello sonho! Não se atrevia a formar uma imagem viva do pae, depois que elle fôra morto, mezes e mezes se tinham passado e sabia que não o veria mais.

Um apartamento! Ah! quantos prazeres em perspectiva... e esperando-os, já era alguma coisa poder dizer aos companheiros:

— Sabes, vamos ter um apartamento!

No dia seguinte, na escola, a primeira coisa que elle fez, foi annunciar o acontecimento. Participou a quem quiz ouvir e, aos mais intimos, falou até em coelhos brancos. Durante todo o dia foi um rei. Aquelle garoto de oito annos tornou-se de repente o assumpto das palestras dos collegiaes. Invejavam-no por causa da criação de coelhos. Elle se sentia como que crescido por merecer tanta attenção. Muitos meninos fizeram o echo da novidade junto dos paes... "Sabes, o Gégéne... a mãe arranjou um apartamento."

"Ella tem sorte..."

E o pequeno Dumont viveu todo o periodo da espera na pelle de um typo "felizardo".

* * *

Não ha bello sonho do qual não se desperte! Aquelle não podia durar eternamente. As duas semanas passaram rapidas. O menino ia conhecer melhor aquillo de que tanto fallára. Madame Dumont guarnecêra a nova habitação com moveis comprados, quasi todos, nos belchiores, e o resto, peça por peça, em pequenas lojas. Emfim, como seria o apartamento? O garoto não temia nada...

— Mamãe estará aqui ás quatro horas, participava com importancia.

Na verdade, á tarde, Madame Dumont esperava a saida dos meninos. Eugenio Dumont, pela primeira vez, foi um dos primeiros a apparecer.

Saltava e assobiava contente.

— Já vamos para o apartamento? — perguntou.

Em vez de descerem, como de costume, a rua Saint-Charles, subiram.

O menino caminhava pausadamente, a mala, mais equilibrada, sem duvida, não parecia pesar-lhe. Durante o trajecto falaram muito pouco. O novo domicilio era mais afastado da escola do que o primitivo. Ficava bem no fim da rua. Avistavam-se as fortificações.

"Estamos proximo!..." pensava Gégéne; procurava adivinhar. Seria uma daquellas casas novas do fim da rua? Sim, sem duvida. Persuadiu-se. "Só poderá ser lá!" Por isso, o seu enthusiasmo esfriou um pouco quando a mãe parou diante de uma casa de aspecto miseravel.

— Chegamos, disse ella.

O garoto não respondeu, mas constatou, á parte, para elle: "Que horrivel!"

Atravessaram um pequeno corredor e se engolfaram num portico onde havia duas escadas. Tomaram a da direita. Estava escura, embora fosse ainda dia. Pequenas janellas não eram bastante para illuminar a gaiola negra da escada de degráus de madeira ruidos pelos annos.

— E' no terceiro andar, explicou a mamãe.

Ao passarem em frente ao patamar do segundo, ouviram uma voz de mulher grunhir:

— Jorge... pela ultima vez, eu te peço para ires buscar agua...

Um garoto saiu com um balde.

— Não têm agua!... — observou Gégéne.

— Não, meu querido, só no pateo...

— Não é commodo... — disse elle.

Ella sorriu. Tinham chegado ao terceiro andar. Era preciso seguir por um corredor, a habitação ficava ao fundo. A ultima porta. A chave rangeu na fechadura. O coração do pequeno batia de angustia. "Que lhe occultaria aquella porta?" Accumulava desillusões, e receiava tanto uma nova decepção, que desejou que a porta não se abrisse.

Mas no momento em que formulava esse desejo, ella se abriu. Madame Dumont o fez entrar antes della. "Entre!..." Com um golpe de vista circular elle passou em revista o interior desconhecido. Não poude esconder o profundo desapontamento: "Oh!"

— Que tens?... meu querido!...

— Nada...

Era aquillo... o apartamento! Papel sujo forrando as paredes. Moveis de madeira sem verniz guarneciam o aposento... um unico quarto...

Ao centro, uma mesa rectangular, simples... A presença de um lampeão de kerozene com abat-jour o fez olhar o tecto. Foi em seguida á cozinha, um pequenino compartimento onde em vão procurou o fogão a gaz. Viu apenas um fogareiro onde cozinhava o conteúdo de uma marmita.

Ficou aniquilado... A mãe achava que estavam bem... Ella não era difficil, constatou Gégéne. Não comprehendia, e reteve a tempo uma vontade enorme de chorar. Pela primeira vez, sentia a miseria. A morada dos camaradas pobres se assemelhava áquella. Os moveis tambem eram mais ou menos identicos. Quiz perguntar á mãe porque haviam deixado o hotel e esteve a ponto de entrar num assumpto penoso para Madame Dumont.

— Então, nós somos pobres?...

Teve a intuição que era uma pergunta que não devia fazer, e guardou-a para elle. Dolorosamente impressionado, comprehendia de uma maneira confusa que eram tambem "pobres". Tudo o que o rodeava o indicava. Comparava aquelle interior triste com o outro, do hotel que acabavam de deixar, muito mais alegre. No hotel tinham gaz, electricidade — apertava-se um botão e "tac", tudo ficava claro! — O papel das paredes do outro era bonito. Lembrava-se das mil flores que pareciam viver quando o sol penetrava pelas frestas das venezianas. Quantas coisas mais decoravam o lindo quarto. Quadros, estatuetas, um armario com porta de espelho. No "apartamento" não havia nada disso... nem mesa de toilette... nada!...

E, de repente, sentiu saudades até da criada do hotel, Maria, uma pequena de Auvergne, muito moça, que o beijava todas as vezes que o encontrava.

O coração de Gégéne estava pesado de tristeza. Na hora do jantar não teve fome. Em vão a mãe insistiu para que se alimentasse...

— Estou com dôr de cabeça...

— Queres te deitar?

Elle fez um signal affirmativo.

Madame Dumont arranjou as cobertas apressadas. O menino se deitou. Oh! como os lençóes lhe pareceram frios... o colchão duro. Tentou entretanto não ruminar a sua tristeza e como si isso a pudesse attenuar, puxou as cobertas para cima delle. Mamãe fôra á cozinha preparar-lhe uma tisana. Emquanto ella a preparava, Gégéne se sentindo longe dos olhos maternaes, deu liberdade ao pranto contido. Com o lenço ia enxugando os olhos á proporção que as lagrimas corriam... Oh! que angustia! Acabára-se o sonho dos coelhos brancos. Acabara-se. Com a alma completamente desamparada, o garoto chorava sobre a miseria que, subitamente, percebia, a terrivel miseria de se sentir um pobre...

Desenho de Di Cavalcanti

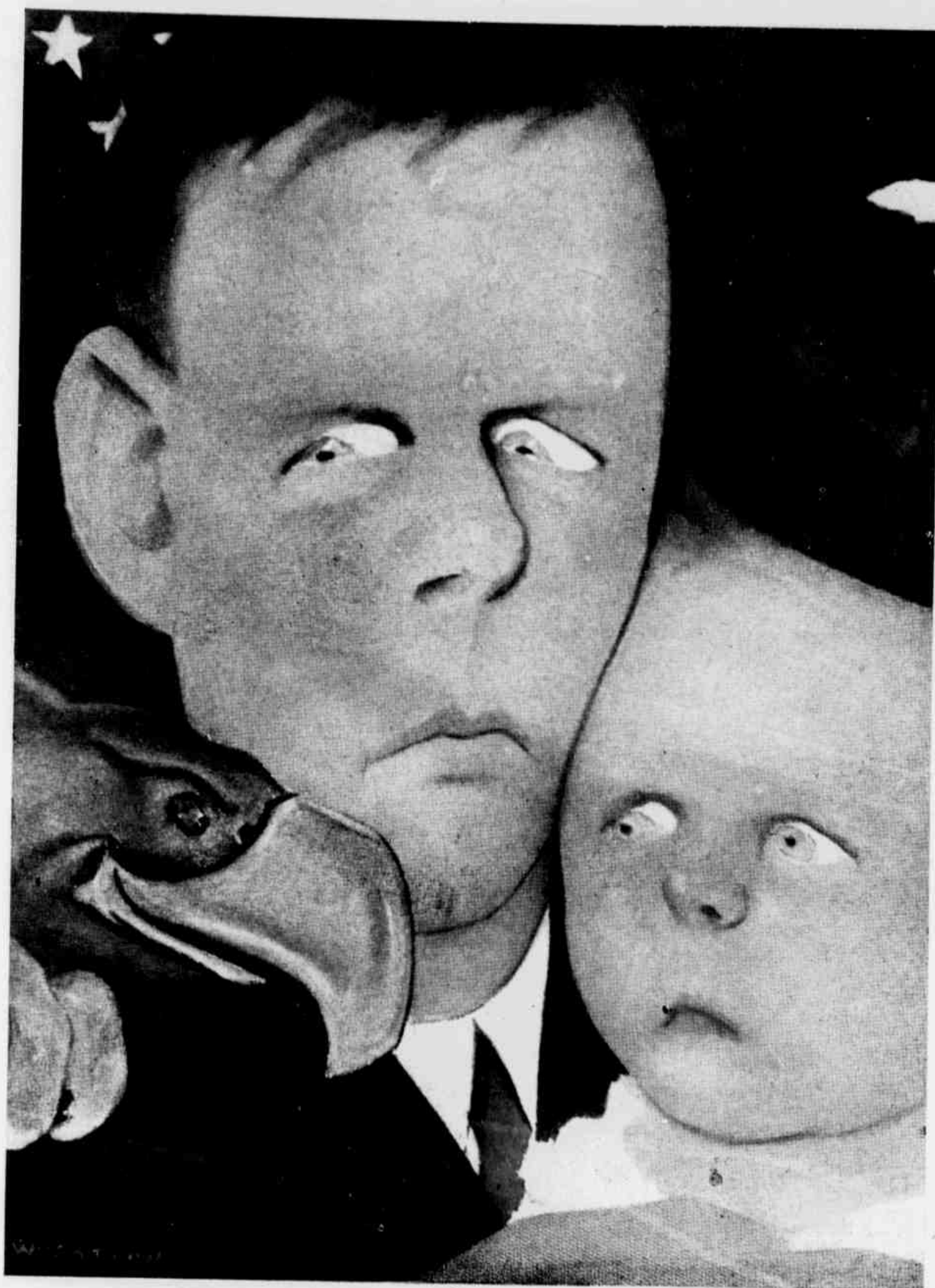
CREANÇAS

Gigino,
filho do casal
Ettore Garbarino

Marina,
filha
do
casal
Guido
Petrella

Photographias
de Cerri, S. Paulo

Gilberto,
filho do casal
Alberto Cerri

José,
filho
do
casal
Guido
Petrella

LINDBERGH
E SEU FILHO

Caricaturas de William Cotton

O mundo todo tem a curiosidade commovida posta para os lados da America do Norte, onde, num paiz civilisadissimo, foi roubada uma creança, um menino que nasceu á sombra de um pae celebre. A familia de Lindbergh ficou desgraçada por excesso de felicidade: a sorte da aguia (é da historia) não dá sorte á aguiasinha. O pequeno Lindbergh vale um dinheirão. E ahi está o segredo do seu desapparecimento...

O esbanjador de utopias

PELAYO PÉREZ

Depois de varios dias de concentração, Carlos de Aguilar descobriu a formula para salvar o Continente. Era a resistencia passiva, a não cooperação, a desobediencia civil. Emfim, ghandismo.

E começou a escrever nos jornaes de sua terra.

Aconselhou aos seus amigos a fundação de comités.

E apontava a barafunda: literatura, esportes, theatro, pintura, arte culinaria, maneira de desmaiar, philosophia, pikles e astronomia: tudo importação, e coroando esta obra prima de incapacidade, as dividas, os impostos e os decretos, nos esmagando as possiveis iniciativas e o cinema nos tornando cada vez mais cretinos.

— O nosso heroismo está reduzido a dar ponta-pés numa bola; não prestamos p'ra mais nada e o triumpho definitivo do feminismo é uma das coisas mais risonhas que o nosso cerebro carunchado póde imaginar.

Emfim, Carlos de Aguilar tinha um espirito sadio e estava convencido de que a humanidade precisava de idéas para viver.

Ficava por conta do Bonifacio, quando ouvia perguntar a qualquer gringo que chega por ahi, si eramos de facto engraçadinhos e si de verdade as nossas cidades eram melhores que as suas e tambem si a *graça tropical das nossas mulheres* era argumento sufficiente p'ra deixar um cabra besta e por conta da serpente. Odiava essas coisas e mais o banquete montado sobre o chassis indecoroso do discurso de voz tremida que costumamos offerecer a qualquer gajo que desce por aqui com mais de quatro malas.

— Temos que desancar esses colombos que todos os dias nos estão descobrindo! — dizia, cheio de raiva, e para qualquer lado que se virasse, a sua convicção, a sua luz interior e a sua teimosia, esbarravam com este letreiro balthazaresco:

Vassoura em tudo isso! ghandismo.

Botou no fogo todos os diccionarios latinos que possuia e com a luz da labareda inspirou-se para crear o lema da nova campanha:

Aos paizes imperialistas, banana; aos credores, lixa; aos politicos, cacete.

(Lema de accordo com o nosso paladar e nossas posses).

A alma da multidão não bancou com elle a terra sáfara. Todos batiam palmas: chamavam-no de Oxygenio Mental do Continente, e perguntavam uns aos outros do que se tratava. Entre a duvida geral, percebia-se, entretanto, que o pessoal estava satisfeito, pois cogitava-se, parecia, de dar um geitinho p'ra sestear mais um pouco: *não cooperar.*

A campanha, entretanto, tomava vulto: certo dia um inglez da *Triping's and Intestining's Consortium Ltd.* negou-lhe o cumprimento e o correio fez-lhe entrega de uma carta. Era uma adhesão.

Dizia:

"Sr. Carlos de Aguilar.

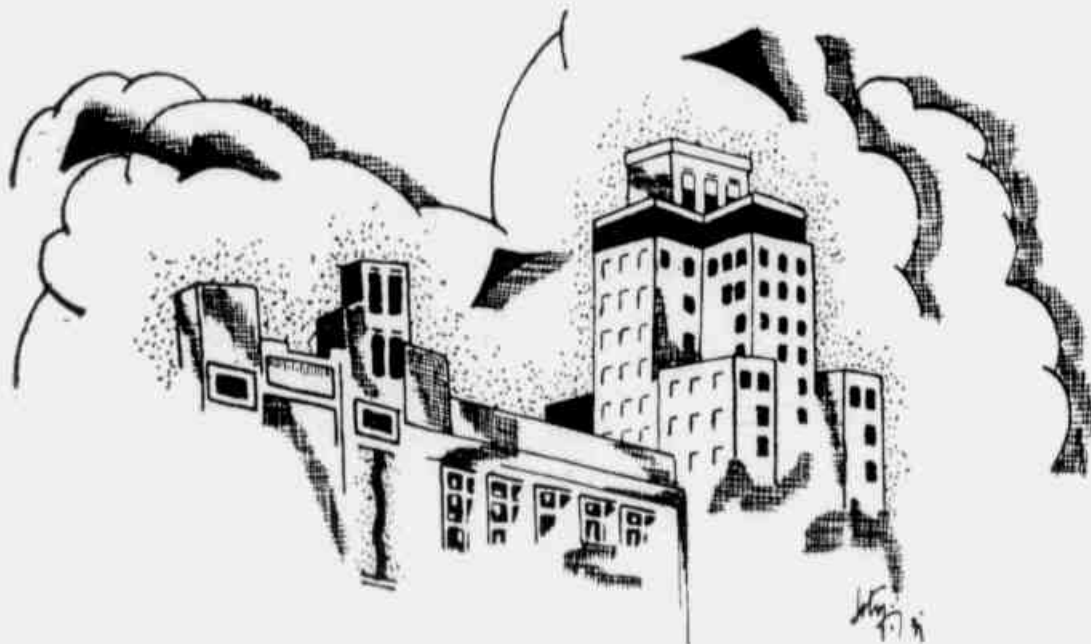
Hontem fui obrigado a vender a minha ultima camisa e a botar no prego o meu unico par de calças. Serei obrigado a sahir á rua embrulhado num lençol velho; não ha outro remedio.

Como vê, estou integralizado no seu programma — o ghandismo continental. Sob minha palavra de prompto, prometo não pagar minhas dividas.

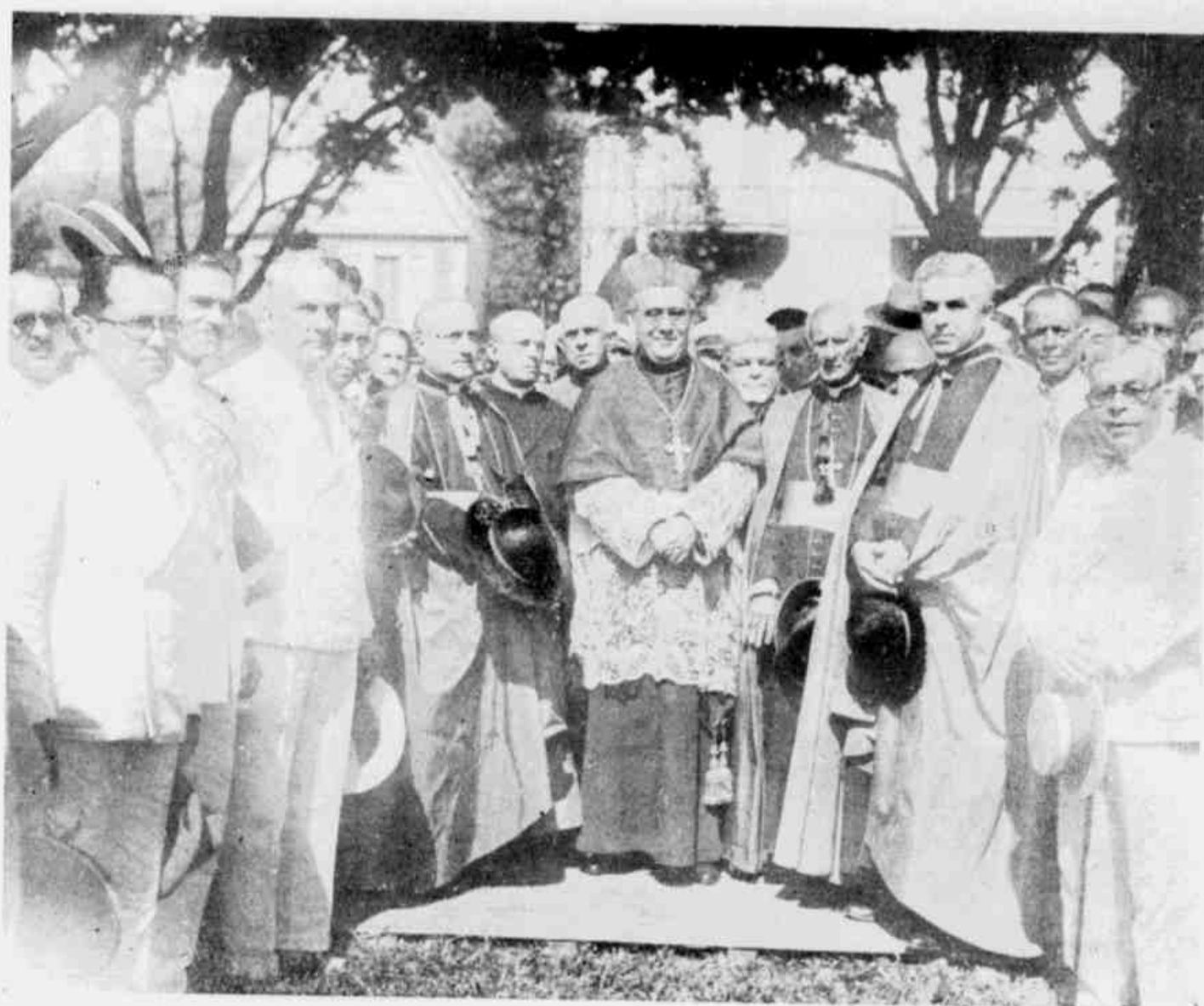
Do correligionario e amigo

Bernardino Carvalhaes."

Desse dia em diante, Carlos de Aguilar tornou-se o maior sceptico do mundo e começou a escrever um livro, com o fim de provar que o homem é um bicho que não precisa de idéas para viver.

A sua cabeça transbordava de pensamentos funerarios e de caspa.

Desenho de Ato

Com os crentes

Durante a missa campal de domingo, na praia do Russell, em homenagem á Companhia de Jesus, quando foi lançada a pedra fundamental do monumento de gratidão aos discipulos de Santo Ignacio de Loyola.

Creanças que tomaram parte na festa Pro Templo Nacional do Engenho Velho, que se realisou dentro da Quinta da Bôa Vista.

Paschoa das creanças pobres na Matriz da Gloria, promovida pela Associação dos Anjos da Caridade.

OS COELHOS

BEATRIX
REYNAL

Já lá vai muito tempo!... Eu era ainda uma criança, mimada pela vóvó como uma pequena rainha. Passava minhas férias com ela, numa vetusta casa de uma aldeia da Provença... Jamais, vivi dias tão curtos como aquêles — ia para o campo, numa velha *carriole* puxada pelo Blanchou, burro muito inteligente, e corria o dia todo, enebriada de liberdade.

Uma tarde, vóvó chegou em casa com um ar misterioso: voltava do tabelião. A alguns visinhos, que nos vieram visitar naquêle momento mesmo, ela contou que acabava de comprar uma pequena xácara — "Lou Soulee" —, contendo, mais ou menos, quinhentos pecegueiros. Mostrava-se satisfeita. O único inconveniente, dizia, era estar situada ao pé de um morro cheio de coelhos bravos, que sarilhavam dentro do terreno o dia inteiro. E, atraídos por essa caça farta, os caçadores apareciam na bôa estação, passando toda a noite á espreita, occasionando assim alguns estragos.

Com toda a atenção ouvi a conversa e com ansiedade esperei a ocasião de poder verificar por mim mesma, sí em realidade os coelhos passavam tão perto da gente... Fremia de prazer, á simples idéa de apanha-los.

Naquela noite dormi mal, sonhando corridas loucas através dos campos. E, no dia seguinte, cêdo, antes de todos, já estava de pé esperando impaciente a partida.

Quando chegamos á xácara, o dia começava apenas a clarear.

Desci da *carriole* com uma atitude decidida: lembrava-me de que, na véspera, quando perguntára si poderia pegar os coelhos, os visinhos se riram de mim e responderam-me que precisava correr bastante depressa... Então, de mim para mim, desprezei essa gente tão pouco habil e me prometi causar-lhe espanto.

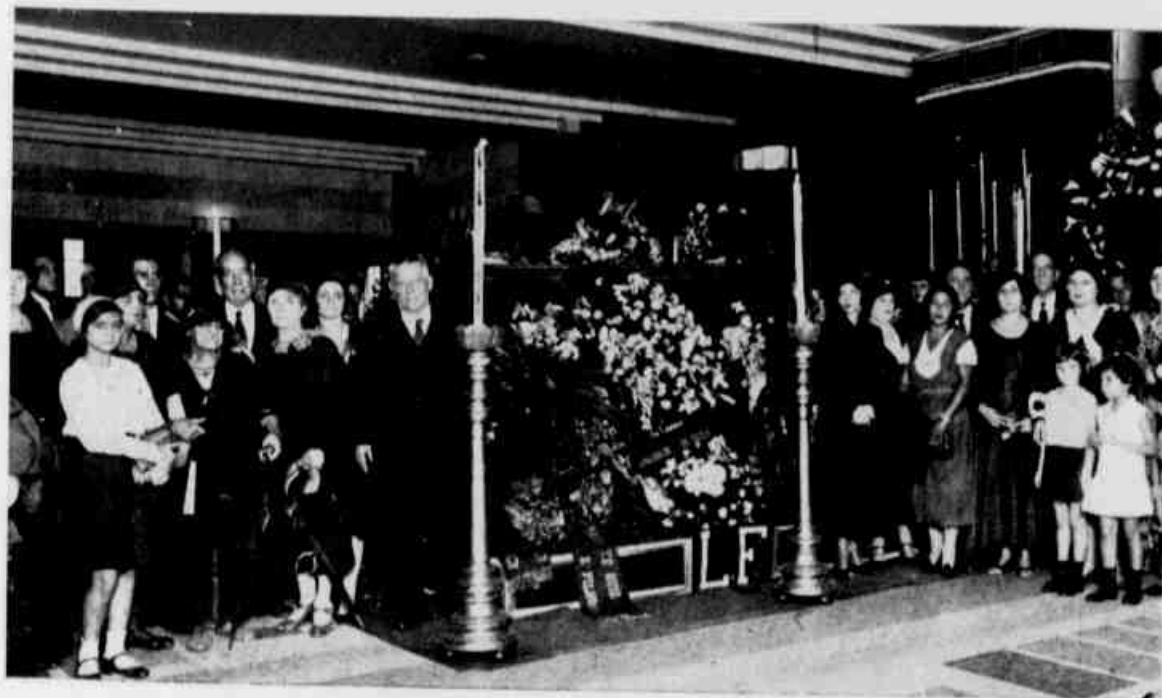
Por isso, puz-me logo a olhar, á direita e á esquerda, o terreno que os coelhos, saindo dos seus buracos, invadiam todos os idas. Observei ainda por um momento, depois, desapontada, disse á vóvó que sem dúvida todos os coelhos tinham morrido durante a noite, pois não via nenhum. Ela sorriu e me aconselhou a não perder a paciencia tão depressa, que ainda era muito cêdo. Resignada, continuei a olhar para o lado que os coelhos deveriam aparecer. Já começava a desanimar-me quando, de repente, vi surgir, envolta em uma nuvem de pó, uma quantidade enorme de coelhos, correndo em todas as direcções. Escapou-se-me um grito de alegria e exclamei entuziasmada á vóvó: "A senhora vai ver quantos eu hei-de pegar!"

Horas a fio corri através das ameixeiras selvagens, insensivel aos espinhos que me arranhavam as pernas. Varias vezes caí sobre as pedras, levantando-me sempre mais atiçada na perseguição.

Até que afinal, cansada de correr atrás do impossivel, decepcionada e envergonhada, fui esconder meu rosto no cólo de vóvó, que, com sua bondade, me consolou do insuccesso.

Hoje, após muitos anos e muitas desilusões, quando a vida me recusa alguma ventura, recordo-me dos coelhos bravos de "Lou Soulec", que tanto me fizeram correr...

Desenho
de
REIS JUNIOR

Leopoldo Fróes na sua terra

Camara ardente no Theatro João Caetano

O corpo do grande artista carregado pelo povo do Rio de Janeiro até á barca que o levou a Nictheroy.

Benção do corpo de Leopoldo Fróes na Cathedral de S. João Baptista, em Nictheroy.

Toda a população da capital do Estado do Rio acompanhou até ao cemiterio de Maruhy o maior artista do Brasil.

Theatro

Berthe Bovy
em
"La Voix Humaine"
de
Jean Cocteau

Bragaglia escreve na *Italia Leteraria*: "O grande problema theatral do momento é "voronoffisar" os classicos. Ressusital-os ou enterral-os. Mas se em todas as tentativas de restauração e de destruição não conseguimos renovar a fórma exterior sem tocar na substancia das obras classicas, como ha annos já vem fazendo Max Reinhardt, os nossos esforços só poderão terminar num bluff... As reconstrucções de dramas classicos, realisadas na Russia pelo Theatro Judeu de Granoviki, inspiram-se de mais na opereta, no café-concerto, no circo, para poderem mostrar os valores espirituaes dessas obras. Todo mundo sentiu que taes operações só conseguiam empobrecer a substancia humana dos classicos. E' perigoso brincar com os santos, pois existem sempre fanaticos."

A ultima estação theatral nos Estados Unidos viveu sob o signo do renascimento do sentimentalismo. Depois da guerra tomamos o habito de considerar o sentimento como coisa insipida e morta para sempre. Os *novos* eram levados a dar prova de absoluta indifferença para com isso que os homens de outróra chamavam honra, virtude, lealdade. A phrase de commando parecia ser: "Devemos comer, beber e nos divertir, pois amanhã poderemos morrer". Ora, durante a ultima estação, as peças desse genero, chamadas "cynicas", tiveram pouco successo. Ao contrario, todas as obras sentimentaes despertaram interesse. Exemplos: *Fire Star Final, Vicky Baum, Demain, demain!* O publico americano de hoje não se differencia em nada do publico de 1880, salvo num ponto: parece preferir o sentimentalismo vélado de fantasia. A *North American Review* que dá esses informes, conclue da seguinte maneira: "E' fóra de duvida que o genero cynico voltará á scena, e a sua volta será ainda mais rapida se os autores dramaticos se entregarem, sem uma justa medida, a voga do momento e começarem a offerecer ao publico não imagens de sentimentos nobres e elevados, mas melodramas sentimentaes".

Yvonne Printemps
da Franca
e
Andreina Pagnani
da Italia

Para estabelecer a famosa ligação entre a scena e a sala de espectaculo, problema que ha algum tempo vem preoccupando os dramaturgos, dois autores hungaros, Farcas e Herczeg, encontraram um meio original e que, sem duvida, agradará muito ao publico. A peça que escreveram de collaboração *Wonder Dancing*, acaba de ser representada no theatro real de Rotterdam, e tem por assumpto a vida dos notambulos. Os differentes episodios se desenrolam em music-halls, dancings, "boites" nocturnas. Os clientes desses estabelecimentos são figurados pelos proprios espectadores que participam da acção degustando cocktails que lhes servem graciosamente na sala.

AMERICA F. B. C.

Durante o baile de sabbado passado na séde nova.

Canção do Marinheiro Carioca

Murillo Mendes

Me embarquei n'um couraçado
pra trazer do fim do mundo
um presente pra você.
Queria ajuntar dinheiro
pra na volta bem lampeiro
poder casar com você.

Mas qual, descendo nos portos
cahia na farra bonito,
morena do meu bem querê.
Gostava de tantas mulheres,
de todas as mulheres que via.
Nenhuma era como você!

Errava nos exercicios
pensando nos teus requebros.

Ai tardes, meu coração,
noites lá em cima do morro,
sanfona a gemer no escuro,
teu corpo na minha mão!

Uma vez 'tava em Pekim,
tive um palpite na cobra,
fiquei damnado da vida
porque não podia jogar.
Que vale viver sem jogo,
sem teu xodó, sem o mar?

Malandragem não me deixa,
nem mesmo no alto mar não.
Morena, dei volta ao mundo,
não dei no teu coração!

NO JAPÃO

O Professor Juliano Moreira e sua senhora entre as creanças de uma escola de Tokio.

VMA NOITE DE B

No alto de um grande edificio, as antenas transmissoras m a n d a m sons pro mundo inteiro.

Mandam vozes de mulheres que a gente adivinha bellissimas, na tortura de não olhar. Vozes de mulheres que põem, ás vezes, no s i l e n c i o de um apartamento l o n g i nquo, uma sombra de romance ephemero, que desappareceu com rapidez. A rapidez com que os sons se d e s f a z e m. Docemente. Sem deixar v e s t i g i o s. Suggestão. Póde ficar — si ficar — uma lembrança vaga, imprecisa, resonancia sem importancia, que o "numero" seguinte apaga irremediavelmente...

As mulheres que a gente imagina bellissimas... F e i t a s suavemente d e sons. Harmoniosas. Sem brutalidades de concretisações. Imaginação...

No alto de um grande edificio...

A cidade em baixo, na paisagem dynamica. No scenario moderno. Janellas illuminadas, suggerindo uma porção de coisas.

No alto de um grande edificio. Radio Sociedade Mayrink Veiga. Nove horas da noite. Mastrangelo me recebe. O photographo de *Para Todos*... já está á minha espera.

Uma surpreza: Berilo Neves está no microphone dizendo mal das mulheres.

Quando acaba, abraça-me, vê os violões, os tocadores, e tem um commentario malicioso:

— *Seu* Luis, o que vale é o violão!...

O meu brilhante amigo evidentemente é injusto com elle mesmo. A curiosidade sympathica com que as mulheres o olham é um desmentido formal á sua modestia.

Eu sim, fico olhando os violões com ciume. Meus cinco annos de jornalismo, meus livros, meus trabalhos, meus artigos, meus discursos, meus versos, minhas chronicas... Que insignificancia!...

Ah! Se eu tivesse um violão!...

Aqui estão varias celebridades que positivamente me deixam mal. Encolho-me na minha modes-

Em cima: o nosso companheiro Luis Martins no studio da Radio Mayrink Veiga com Carmen Miranda e Berilo Neves. Elles não estão posando. Isto é, estão, mas não é muito... Em baixo: Olga Navarro com

BROADCASTING

POR LUIS MARTINS

Mary e Berta, cantoras argentinas, Mastrangello, Gastão Formenti, Lamartine Babo, Henrique Vogeler e outros artistas que tomaram parte na irradiação da noite de sexta-feira da semana passada.

tia e fico sendo apenas um chronista que vae contar pros leitores uma noite de *broadcasting*.

Carmen Miranda. Olga Navarro. Lamartine Babo. Gastão Formenti. Vogeler. Jorge Fernandes. Patricio. E muita gente mais.

Duas figurinhas interessantissimas me chamam a attenção. Quem são, hein?... São argentinas e têm nomes bons e faceis: Mary e Bertha. Apenas.

Representa-se um sketch gosadissimo de Lamartine Babo: "Familia Radiante".

Cantam. Gastão Formenti. Formenti é o cantor do "Indio do Corcovado", já gravado em disco "Victor", com musica de Joubert de Carvalho e versos meus. A prova está optima.

Carmen Miranda já foi cantar, já voltou, já tornou a ir, já tornou a voltar. Agora a minha impertinencia muito jornalistica não dá uma folga nella.

Essa menina é uma coisa sensacional. Toda em angulos. Toda em curvas. Toda em rectas. Toda em gestos. Contradictoria. Com phrases que desconcertam. Belleza erradissima. Tudo como não devia ser. Mas tudo certissimo. O que tinha que ser feio, nella é bellissimo. A personalidade mais impressionante marcante das nossas artistas.

Olga Navarro veio apenas tomar parte no sketch. Já vae.

Mastrangelo, o director da Mayrink Veiga, não pára. Ha uma porção de gente ainda que eu não sei quem é. Pelos salões. Uma noite de irradiação enche sempre o studio. Violões, muitos violões.

Uma das artistas argentinas canta um tango. Os violões comparecem com a angustia.

Vão levar ahi fóra, por esse mundo de Deus, a suggestão que tortura: são mulheres bellissimas que estão cantando...

Um tango...

Palavras hespanholas...

Uma voz de mulher...

E' o romance que a gente sonha...

REDOMÃO

CONTO GAÚCHO

Por BENITO LYNCH

Ilustração de

JOSÉ CONTRERAS

Tradução de

JOÃO FONTOURA

Passados minutos que fôra preso de um desses aborrecimentos atrozes que só se experimentam na idade em que os dias parecem anos e os anos seculos, bastou que sua mãi o mandasse repassar *um pouco de gramatica*, para que, como subito despertar de suas energias, Mario andasse já pela distante e deserta mangueira das ovelhas, saltando bretes e aspirando a pulmão cheio as acres emanações caracteristicas daqueles logares.

Embora já não chovesse, o ceu continuava enublado, e através da atmosféra tibia e saturada de humidade, vinham de todos os lados do campo, que verdeja até os confins do horisonte, o tremulo piar das codornas e o intermitente e grave cantar dos perdigões.

— Linda manhã para andar aí, longe, e não aqui como... ! — Começa a dizer de si para si, Mario, com certo acento de despeito, quando a chegada de Cosme Aguilera, capataz de *La Estancia* e seu grande amigo, o interrompe e o faz correr até o palanque:

— Olá! Cosme!... Bom dia!

— Bom dia!... Cuidado *patrãosito!*... Cuidado!...

E o gaúcho, depois de dar um leve loncasso no redomão que monta, e que assustado com a presença do menino, vacila para encostar no palanque, deixa-se resvalar suavemente dos *recados* e diz, entre afetuoso e brincalhão:

— Linda madrugada, ein, patraosito?

Mario, porém, deixando passar por alto a *broma*, já tantas vezes repetida, e todo olhos para contemplar o soberbo animal que o gaúcho ata, cabresto curto, no palanque, pergunta, sómente para falar:

— E' o douradilho grande, não é, Cosme?

— Ah, ah!...

— Que lindo está, não?

— Ah, ah!...

— Veja: para mim é o melhor de toda a tropilha nova!

Desejoso de falar, vai proseguir sem duvida ponderando as excelencias daquele cavalo, mas o capataz, que tem pressa, depois de perguntar pelo patrão, vae para dentro, deixando-o só ante aquela maravilha de redomão que, imovel e muito erguida a cabeça pela tensão das redeas, olha-o com um olho, emquanto passa e repassa a inquieta e rosada lingua sobre os retorcidos tentos do barbicacho, que brutalmente lhe cinge a mandibula.

— Chi, chi, chi!... Redomão!... Redomão!...

E a voz do menino treme um pouco ao pronunciar o vocabulo gauchesco e varonil, tendo ali, ante os olhos e ao alcance da mão aquele soberbo exemplar de redomão autentico, que é o douradinho grande, da tropilha de *La Blanca*.

Ah!... Para Mario — ginete de cavalos mansos, é verdade, porém ginete cheio de ambições comprimidas pela sevéra autoridade paterna — não podia haver naquele momento de sua vida — nove anos — nada mais emocionante nem mais glorioso que montar um redomão e galopar pelos campos!...

— Chi, chi, chi!... Que diz cavalito? Que diz, precioso?...

E comprovado com surpresa que o douradilho não se inquieta, Mario, cautelosamente, passa-lhe a mão pelo focinho; e como o animal o reconhece, acaricia-lhe então a frente e o pescoço, repetindo como um estribilho suas palavras de elogio e de mimo.

Nada!... Aquele potro ferós, que faz apenas dois meses, vira corcoviar por ali abaixo, gemendo e roncando como um porco, deixa-se agora palmiar e rascar com a mesma mansidão do proprio cavalo de Mario, esse zaino *ovêro*, velho e maceta, que é capaz de entrar por uma porta da varanda de janta e sair pela outra!...

Mas que diferença entre aquele e este!... O pobre zaino *overo* é pequeno, feio, cabeçudo; tem o pescoço caído, e demais, está sempre fechando os olhos, cochilando. Este douradilho, no entanto... que poema de juventude, de elegancia, de vigor e de bravura! A Mario parecia que se desse um — *upa!* — o douradilho saltaria como impulsionado por um choque dali do palanque até o outro lado do horisonte.

O tremulo piar das perdizes, cortado pelo canto grave e nostalgico dos perdigões, continuam chegando de todos os lados do campo, como um chamado daquelas ignotas quanto promissoras distancias, que Mario tanto ama em seus sonhos de ação e de aventuras...

De pronto, um pensamento audás faz bater precipitadamente o coração do menino. E si se atrevesse?... Se, aproveitando a ausencia de Cosme, montasse no douradilho e desse um galopito? Caramba!... Ninguem poderia ver... ninguem!... Um minuto, um instante, no mais!... Oh, Deus!... para provar e poder diser, que ele, Mario, "*que não vai estudar para gaúcho* — como repete a cada instante, seu pai, sem imaginar a ponta de amargura que se afunda em seu coração, com esse dito, — que ele, Mario, sentou-se, uma vez pelo menos, no lombo de um redomão, ainda de redeas!...

E o menino, um pouco palido e com o peito palpitante, depois de lançar em torno, um olhar de precaução instintiva, volta a acariciar o douradilho, que, impaciente, ladeia para elle a cabeça, desejoso de que o livre do barbicacho.

— Chi, chi, chi!... Redomão!... Redomão!...

Corcoviar? Não vai corcoviar... Com cuidado... aos poucos... aos pouquitos... Ah! eu o monto!... Eu o monto!...

Com calor no rosto, e mostrando já em seus limpidos olhos de nove anos a mesma expressão, entre cinica e fosca, que põe as resoluções audases

Senhora Charlotte La Touche no dia do seu enlace

(Photo Lansing Brown)

Senhora Lauro Mamede (Rachel Buarque)

(Photo Machado Jr.)

fatalismo

dante costa

Minha amiga Luz chegou e tomou conta da sala que é sua.

Foi em todos os recantos. Invadio tudo com rapidez, impetuosa, valente como um cruzado amoroso...

Com ella veio uma alegria nova colorir as minhas coisas, uma alegria que ella encontrou não sei em que paragens.

Tem um gôsto de azul, a minha amiga Luz... Azul de algum lago quiéto perdido por ahi... Minha amiga Luz trouxe um cheiro de saúde das praias por onde andou... Minha amiga Luz veio do céo, correu pelos campos distantes, bebeu a agua das fontes, mergulhou nos rios, trepou na cabelleira verde das arvores, e chegou...

— Bom dia, Vida!...

O vento entrou revolucionando meus cabellos. A minha janella foi um rectangulo de ouro, uma moldura onde a minha satisfação sorria...

Sorri esquecido de tudo. Distante, não tive olhos pra vêr senão a belleza da manhã. O prazer de não pensar. Doçura de não lembrar. Estar só, inteiramente só, senhor do mundo...

Mas quando me afastei da janella, a minha sombra, que rastejava no meu pé, entrou outra vez dentro de mim...

Dolores Ewbank da Camara e Tenente Antonio Affonso de Carvalho Ribeiro

Pela formação harmoniosa da creança

Professor
PIERRE MICHAILOWSKY

"Quem vê uma creança, contempla o Futuro... E tal seja a creança, assim será o Homem... Conforme fôr tratada a sementeira, assim virá, a seu tempo, a mésse." — COELHO NETTO.

A vós, paes e mães de familia, é que dirijo a minha palavra, a vós, que tendes a ventura de crear as vossas creanças: — pensae na bôa saude dellas, no desenvolvimento harmonioso dos seus corpos infantis, no aperfeiçoamento esthetico das suas formas juvenis e fazei-as receber a idonea educação physico-esthetica, que visa o alto fim pedagogico e eugenico: a sadia e harmoniosa formação psycho-physica da creança e, por isso mesmo, o aperfeiçoamento somatico da futura geração da nação!

A educação physica não é uma das materias instructivas a fazer aprender a creança, como, por exemplo, arithmetica, geographia, historia, etc.; a educação physica é o problema vital para toda a vida sadia do homem, de cuja idonea solução dependem não só a saude, o caracter, a formosura corporal e o poder eugenico do individuo, mas a propria vida da nação e da humanidade inteira, que está ligada á eugenia da especie humana.

Para comprehender de uma maneira exacta essa idonea concepção da educação physica, é necessario, antes de tudo, compenetrarmo-nos da idéa que esta educação não é uma coisa de luxo destinada a divertir a gente rica e ociosa, mas um factor essencial e indispensavel da educação humana em geral, que conduz o homem para a perfeição, um arma portentosa do homem e da especie contra o implacavel dilemma da Natureza — a selecção dos melhores elementos, que vencem na vida animada, e desapparição dos elementos imperfeitos.

Irene e Yone Teixeira

5 e 6 annos

Eis a tamanha significação da cultura physica, que, praticada sabiamente, vae regenerar somatica e espiritualmente a futura Humanidade!

Por isso mesmo, a educação physica da creança deve se praticar parallelamente com a educação psychica, desde os primeiros annos da infancia. Pois a tarefa da educação, como a comprehende a Educação Nova, é, justamente, a sadia formação psycho-physica da creança — a formação do futuro homem integral, de corpo harmonioso e de espirito perfeito.

O nivel do desenvolvimento da cultura physica no paiz é a medida certa da pujança somatica do povo, concorrendo para augmentar o seu vigor vital, a sua eugenia geradora, a sua belleza physica racial.

E' por isso que quero dizer aos paes e ás mães de familias: — seria preferivel, por exemplo, passar um dia sem comer do que se privar de um dia da cultura physica! Ninguem morre de fome pelo facto de jejuar um dia; mas morre-se prematuramente pela razão de não saber manter o organismo pelo exercicio physico regular!...

Consagrando o meu pedagogico labor em prol da educação physico-esthetica da mocidade brasileira, desde a infancia, quero mostrar aos paes e mães de familias alguns aspectos photographicos dos corpos sadios e harmoniosos das creanças que recebem a idonea educação physico-esthetica:

Irene Teixeira, 5 annos.

Yone Teixeira, de 6 annos.

Alumnas dos professores P. Michaelowsky e Vera Grabinska.

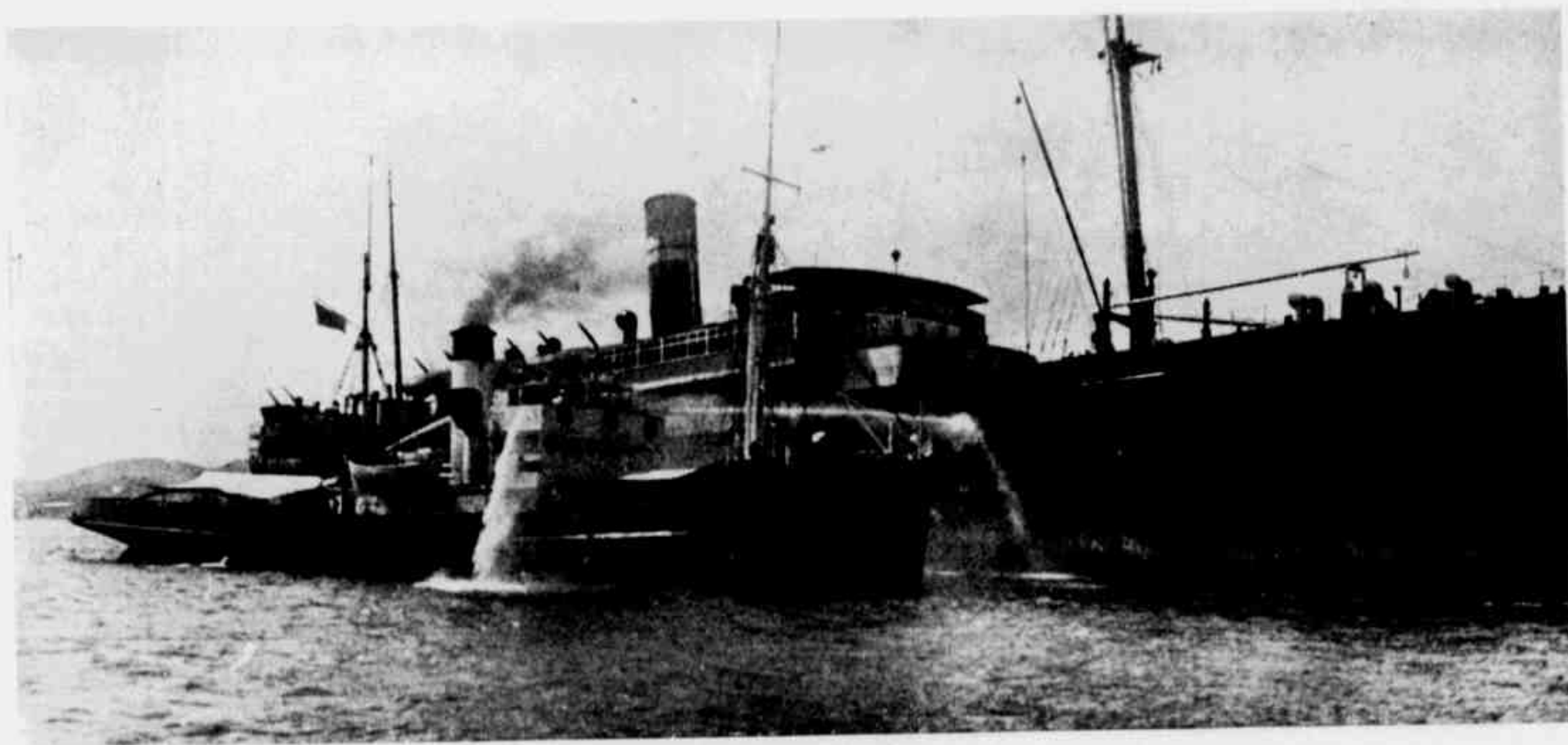
Conforme é feita a sementeira, assim virá, a seu tempo, a mésse!

Estou certo de que estas creanças vão ter "mens sana in corpore sano", uma capacidade organica maior de longevidade e uma capacidade psycho-physica maior de trabalho!

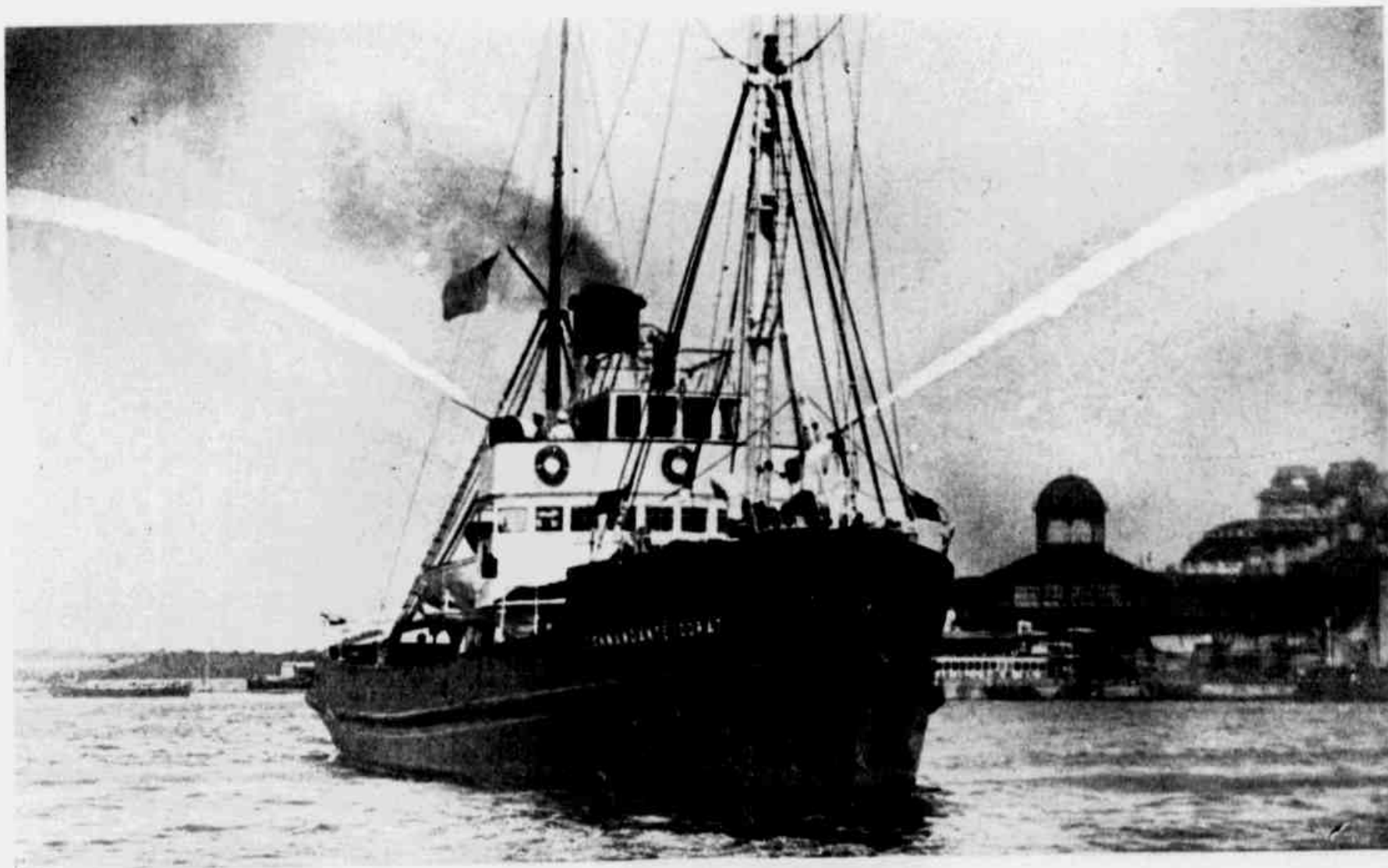
Basta observar essas photographias, que reflectem não só a attitude harmoniosa corporal, mas, tambem, o estado da alma infantil que aspira á perfeição e á belleza, para comprehender o tamanho beneficio para a creança da idonea educação physico-esthetica.

A vós, paes e mães, pensar nisso!

O Nosso Serviço de Soccorro Naval

Lloyd Brasileiro

O rebocador "Commandante Dorat", do Lloyd Brasileiro, junto ao costado do paquete "Pedro I", da mesma empreza

ERA deficiente no Brasil o apparelhamento de salvação de navios em alto mar. Por iniciativa do commandante Octavio Guedes, o Lloyd possue agóra um serviço optimo. O rebocador "Commandante Dorat", depois das obras por que passou, está prompto para prestar o mais integral auxilio á fróta da grande empreza, que consta de mais de 60 embarcações. O "Commandante Dorat", adquirido do Almirantado Inglez, tem 163 pés de comprimento e 30 de bocca; excellentes caldeiras e machinas; modernos apparelhos para salvamento; apparelhos no convez; apparelhos de incendio; installação de telegraphia sem fio. As experiencias realisadas, na outra semana, deram resultados além da melhor expectativa, enthusiasmando todos os que as assistiram.

Na bahia de Guanabara

Partida para um soccorro

CREPUSCULO

ANTONIUS

Primeira tarde outomnal:

Vento como de primavera, mas soprando sob um céo de claridade surda. Sol posto. Aquella seda branca, estirada, lisa, levemente anilada, no meio da qual um disco de nacar se destaca, e a que só falta um bando de cegonhas que a cortassem numa revoada obliqua, e, a um canto, tres hieroglyphos em linha vertical — Okusai — para ser uma estampa japoneza, é o céo.

Paizagem urbana: na luz neutra do crepusculo, as linhas dos pesados palacios, que documentam o nosso máo gosto de *parvenus* e a nossa falta de educação classica, simplificam-se de um modo feliz. As luzes verdes dos automoveis que vêm e as vermelhas dos que se vão reflectem-se no asphalto polido. Em pouco, tudo é silhueta; as massas se confundem e só os contornos avultam no ar côr de perola. Sobre o outeiro, além, palmeiras perfilam a columnada de uma ruina gigantesca.

Assim foi o crepusculo.

Depois, a eclosão das luzes, quando a saphira da noite se diffundiu no ar quasi de subito e fel-o glauco como a agua, como o céo. Nelle, appareciam agora reflectidas as luzes da terra, á medida que se iam accentuando...

— Uma folha morta, solta ao vento, veiu naufragar no meu aperitivo...

Senhorita Eugenia de Barros

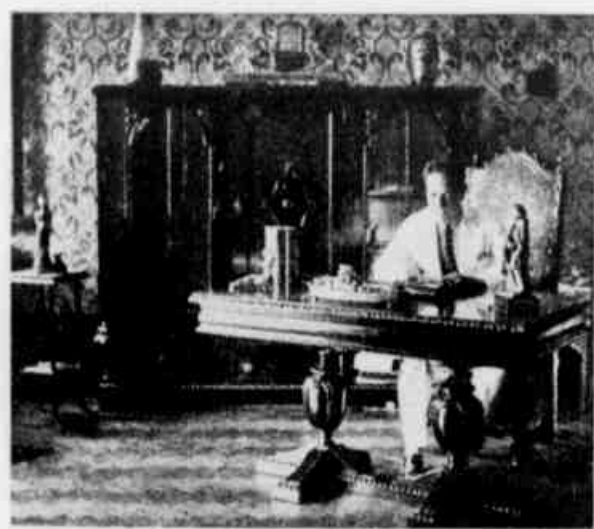
Um grupo de meninas e meninos de São Paulo: Carmen Sylvia, Helú Maria Lisah, Arnaldo Marcos, filhos do casal Arnaldo Motta; Maria Helena, Véra, Alberto, filhos do casal Alberto Motta; Maria Irene, Luiz Alberto, Maria Helena, filhos do casal Lauro Soalheiro.

Entre os livros

Oswaldo Orico e a sua obra

Acaba de apparecer a segunda edição de *Feijó — o Demonio da Regencia*, o grande trabalho de evocação historica com que Oswaldo Orico conquistou em 1929 o primeiro premio da Academia. Nenhuma obra mais opportuna para o momento do que essa que nos falla da vida do grande disciplinador social e architecto politico que foi o ministro da Justiça de 35 e o regente do Imperio de 36.

A nova edição do trabalho laureado é uma edição difinitiva e vem acrescida de novos capitulos cada qual mais interessante pelos aspectos que revela e ornada de numerosas illustrações de reliquias pertencentes ao grande vulto cuja vida Oswaldo Orico nos apresenta.

Todos os lances do periodo da Regencia estão photographados nessas obra cuja primeira edição esgotou-se em poucos mezes e a respeito da qual o sr. Oliveira Vianna, com a sua autoridade de sociologo pensador e politico assim se manifestou:

"*O Demonio da Regencia* é uma obra encantadora no genero. Com os seus dons de reconstituição e invenção, as qualidades literarias já acentuadas em outras obras, a fina intuição dos caractéres humanos, o illustre Autor deu-nos em forma leve, limpida, viva, um Feijó magnifico, cheio de realidade, apesar de romanceado. No genero historico, seu trabalho ha de ficar entre os melhores".

Cotejando as épocas da nacionalidade, tambem o emerito jurisconsulto brasileiro, sr. Mendes Pimentel, exprimiu o seu julgamento deste livro num justo louvor á obra que Oswaldo Orico acaba de nos offerecer em segunda edição:

"Li, quasi de uma assentada, *O Demonio da Regencia*. A grande figura de Feijó e a época em que ela avultou (com tantas semelhanças com a atual) empolgam a atenção, principalmente quando tratadas pelo escriptor que a Academia com tanta justiça laureou".

O apparecimento desse importante trabalho, coroado pela Academia e pela opinião brasileira como os maiores louvores, coincide com a eleição que se vae realisar a 7 de Abril para o preenchimento da vaga de Alberto de Faria na Academia Brasileira de Letras. Se ha uma coherencia no julgamento dos meritos literarios, o biographo moderno e elegante de Feijó e Patrocinio, o autor a quem a Academia já concedeu os seus mais altos premios, será, naturalmente, o successor do biographo saudoso de Mauá e lhe honrará a herança com uma obra que enaltece a dignidade mental das novas gerações.

OSWALDO ORICO

* *

O alcoolismo na arte e na psychiatria – de Neves-Manta

Diz o sr. Neves-Manta, que pouco a pouco, a intoxicação alcoolica vae-se infiltrando na cellula organica do homem do Brasil. E o alcool, riqueza nativa — é paradoxalmente amparado pelos governos como força economica e como expressão productiva dos usineiros do Interior. E numa opportuna conferencia, o brilhante escriptor e psychiatra, estudando o alcoolismo na arte e na psychiatria, evidencia o mundo de esthylistas que estamos levando para o Hospicio, numa obra nefasta contra a eugenia da raça. De parceria com a syphilis, o alcool concorre com 80 °|° de alienados mentaes, é a opinião de Henrique Roxo. O sr. Neves-Manta ergue o seu grito de patriota e scientista contra o alluvião de delirantes alcoolicos, amoraes, toxicomanos, pipsómanos e degenerados que o alcool vae produzindo numa ascendente degeneração social. E com a autoridade de psychiatra e o coração brasileiro acha que o Governo deve deter a onda negra dos intoxicados, mostrando para isso os meios de repressão, therapeutica, etc. Um dos volumes da Bibliotheca de Cultura Medico-Psychologica, *O alcoolismo na arte e na psychiatria* do sr. Neves-Manta deve ser lido por todos os brasileiros.

Carlos Rubens

* *

Hollywood – de L. S. Marinho – Schimidt, editor

O cinema creou uma litteratura sua. Ella, ou gira em torno da importancia artistica e social da cinematographia, perdendo-se em discussões e theses geraes, ou se despe dessas intenções e entra na intimidade das "estrellas" e dos "astros", penetra bisbilhoteiramente nessa Hoolywood miraculosa, nesses "studios" immensos que são outras cidades de papelão e gesso.

René Schowb, Moussinac, Barbusse, Francisco Ayala, Martinez de Riva, toda essa gente já tem escripto sobre cinema. E o recente apparecimento de "Hollywood, capital das imagens", de Antonio Ferro, e "La vie bulante de Marlene Dietrich", vem mostrar que a actividade continua...

No Brasil nada havia surgido neste genero. Agora o senhor L. S. Marinho, jornalista que viveu varios annos em Hollywood, conta-nos as suas impressões da "cidade de mentira". E' um livro de grande interesse que tem o seu publico certo e numeroso — toda essa multidão de "fans" que vive presa aos minimos detalhes da vida intima de Hoolywood...

Aliás, o livro de L. S. Marinho foge ao louvor e ao enthusiasmo com que sempre se fala da terra do cinema. "Hollywood" mostra-nos uma cidade banalissima, suburbio de Los Angeles, com uma população pedante e mais ou menos ôca. A aureola de felicidade e de riqueza com que a nossa imaginação enfeita s grandes "stars", o senhor Marinho destróe impiedosamente. Tudo é mentira. Tudo é apparencia. Tudo é a brasileira tapeação...

Quasi ninguem merece adjectivos amaveis, nem mesmo as mulheres, apesar de algumas insinuações maliciosas fazerem crér que o autor foi um homem disputado... Talvez por ser o unico jornalista brasileiro da cidade. E moreno. O que não deixaria de impressionar ás louras convicções moraes da Jean Harlow ou á solidariedade amiga da Kay Francis...

"Hollywood", com um esplendido prefacio de Henrique Pongetti, apparece em edição magnifica de "Schmidt Editor", o editor dos melhores livros que o Brasil tem lido, e só isso já é uma recommendação que facilitará o seu successo muito justo.

Dante Costa

O poeta gaúcho
VARGAS NETTO

BERILO NEVES
que acaba de
publicar a 2.ª
edição d'"A
Mulher e o Diabo"

* *

Preludio — de Zuleika Lintz

Este é um livro bem de mulher. Suavissimo.

Deve ser de estréa. Mas uma estréa bonita, que vae augmentar ligitimamente o numero de nossas bôas poetisas.

Chapa? Absolutamente. Sinceridade. Elogiar sempre é agradavel, mas elogiar um estreante, ou melhor, *uma* estreante, dá verdadeiro prazer.

Preludio é um titulo justo. O livro é todo musica. Musica talvez sem audacias, mas que faz dia de festa na nossa sensibilidade.

Se a autora ainda usa, ás vezes, as "brumas do infinito", que se vendia muito no Romantismo, sabe tambem dizer com delicadeza coisas assim:

Eu escutava... A longa quietação
Abafava a latente vibração
de vozes impotentes!
Havia uma promessa em cada instante mudo!
Então eu fiz providencial escudo
Contra possiveis ruidos dissolventes!"

E tem imagens bonitas como esta:

A Noite vem chegando, bem de manso,
Em passadas incertas de cigana.

O defeito maior do livro é ser certo demais. A autora está muito presa a preconceitos que a continuação talvez faça abandonar.

Rythmos velhos... motivos antigos...

Sente-se que outros poetas já disseram mais ou menos as mesmas coisas.

Mas vem um perfume bom do passado e quando esse perfume é Belleza, (este é o anno de Goethe) a gente perdôa e até ama o feitiço de Mephistopheles ressuscitando Helena do silencio antigo do tumulo millenar.

Porque Helena foi justamente a Belleza...

Luis Martins

SEBASTIÃO FERNANDES,
que vae publicar "Cuité",
contos das margens do
Parahyba.
(Caricatura de Figuerôa)

Simplicidade! E' a palavra que caracterisa os vestidos usados desde as primeiras horas da manhã até a hora do jantar.

De manhã, crêpellas com algumas pinces diagonaes dispostos de maneira a se assemelharem a robes-manteaux com golas largamente crusadas, ou largamente abertas; hombros quadrados, costuras com pespontos bem batidos a ferro.

Não esqueçamos tambem a elegancia dos modelos em kasha, em kashadrap, fingindo duas peças, cintadas; e todos os lindos vestidos de grosso tricot genero sport, tão bem apresentados, que não se alargam mais como

Tip-Top *é um ensemble de Mirande em drap preto. Saia em fórma com uma faixa de crepe setim vermelho. Corpo em peau d'ange. O bolero tem mangas muito largas formadas por panneaux.*

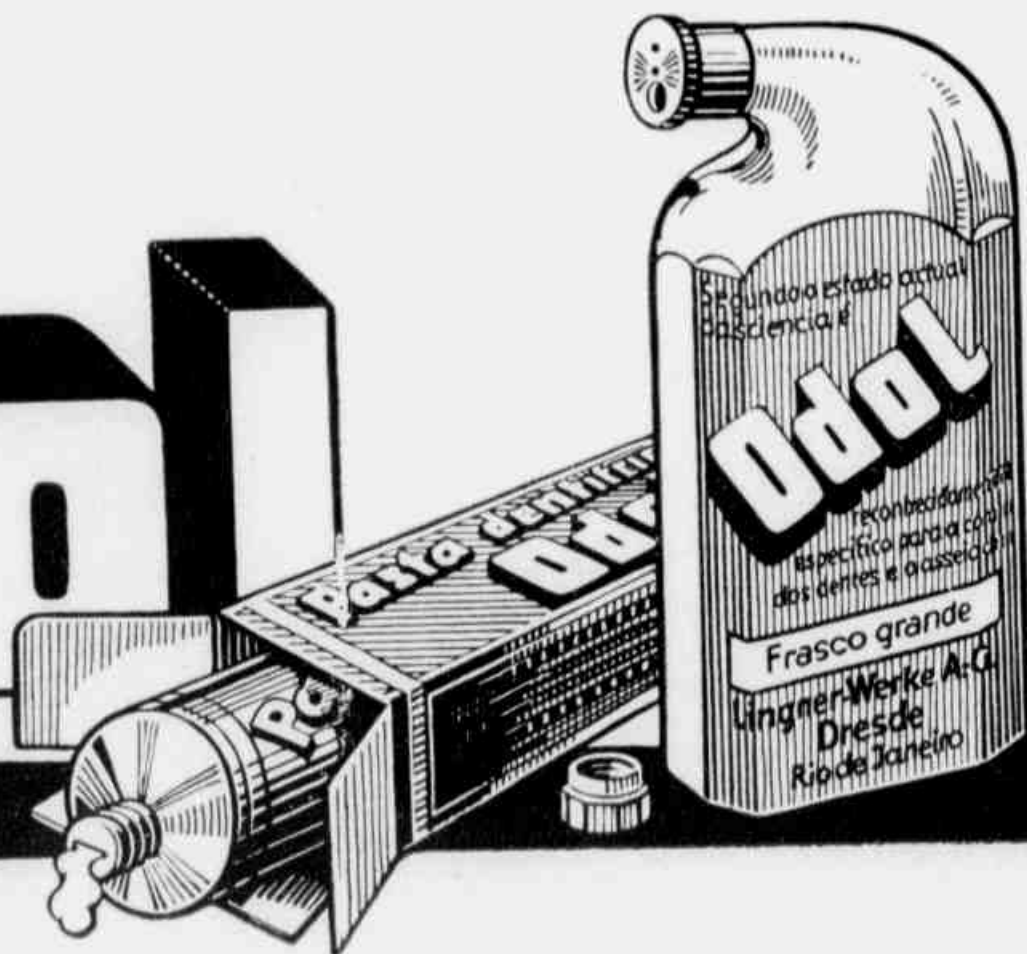
Vestido em lã porosa branca e preta. A frente do corpo em lã branca se prolonga até as costas onde se cruza vindo terminar num pequeno laço. O outro modelo é em marrocain de lã marron trabalhado em finas pregas.

Toque de veludo vermelho com laço de astrakan preto. Modelo de Camille Roger.

antigamente. No dia em que se comprava um vestido de tricot dava-se a impressão de "ter chorado muito para possuil-o, mas, no outro dia, tinha-se a apparencia de um elephante faminto com a pelle pendente... As côres para de manhã são: vermelho laca, laranja queimada, muitos azues vivos e azul marinho.

A' tarde, procuramos os tecidos mais ricos. Os maravilhosos tecidos de lã, tão bem trabalhados, tão perfeitos que foram transplantados, tanto pela distincção como pelo genero, para o dominio da seda. Nesses vestidos vêm-se muitos botões e muita arte na quasi severa simplicidade da linha.

A' esquerda: vestido de renda branca com guarnição de mousseline tambem branca. Modelo de Chanel.
A' direita: tambem modelo de Chanel, todo branco, em georgette e renda.

Dentes
como um fío de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fío de Perolas.
A *pasta „Odol“* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O *liquido „Odol“* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Segundo o estado actual da sciencia é
Odol
Frasco grande
Lingner-Werke A.-G.
Dresde
Rio de Janeiro

NOSSA NUTRIÇÃO

AUGUSTA S. MONTEIRO

BOUILLON (CALDO DE CARNE)

E' o elemento principal para a confecção de uma sôpa, creme ou consommé. O caldo não deve faltar em qualquer cozinha que queira ser moderna e obedecer aos bons preceitos de hygiene alimentar.

Para se obter um bom caldo, é necessario que os ossos e a carne empregados no mesmo sejam frescos e de primeira qualidade. Leva-se ao fogo com agua fria e quando ferver tira-se a espuma e a gordura cuidadosamente; tempera-se com sal, um bom bouquet de cheiro verde e algumas cebolas cortadas em duas, e córadas em manteiga. O caldo deve ferver bem de vagar, para não turvar. Os ossos a empregar devem ser, de preferencia, de boi, reservando-se os de vitella, carneiro ou porco, para a confecção dos môlhos de assados e guisados. O tempo do caldo apurar estipula-se em uma ou duas horas.

A consommé é o bouillon, ou caldo, reforçado e clarificado. Para se obter um consommé em condições é necessario o seguinte: um caldo claro, carne de boi picada ou passada na machina; deital-a a bem devagar e não tampada. Estando a carne prompta, junta-se-lhe um pouco de agua fria e uma cebola, e tambem cenoura, aipo, um dente de alho socado e algumas claras batidas. Deitem-se esses elementos de clarificação junto ao caldo, durante meia hora, e em seguida addicionar quantidade de agua necessaria a uma porção maior, de caldo. Leva-se ao fogo e deixa-se ferver cerca de uma hora, tendo antes o cuidado de coal-o bem.

"PETITE MARMITE"

A "petite marmite" ou "pot au feu", é a sopa mais conhecida na Europa, e principalmente na França, onde ella se popularisou sob o reinado do rei Henrique IV, nos seculos XV e XVI. Seu modo de preparação é mais ou menos egual ao nosso "cozido", a que os francezes chamam "Pot pourri".

São precisos para a confecção de uma "petite marmite" os seguintes ingredientes: um bom pedaço de carne de boi, de preferencia a ponta da alcatra; um osso com tutano e e uma boa gallinha. Ponham-se estes ingredientes em agua fria, leve-se ao fogo lento, para que as carnes passem ao caldo todos os seus elementos nutritivos.

Logo que ferva, retira-se a espuma e quando as carnes estejam cozidas junta-se a guarnição seguinte: cenouras e nabos cortados em pedacinhos, um bouquet de cheiro verde, sal, cebolas, aipo, poró e repolho em grossa juliene, azeitonas, cravos e louro. Quando estiver tudo prompto, serve-se em uma terrina apropriada, com a carne e a gallinha cortadas em pedaços. Acompanha pão preto em fatias finas, torradas e servidas á parte.

Esta "petite marmite" é altamente nutritiva e póde servir como unico alimento em uma refeição.

COISAS LIDAS

UM poema incoherente póde ser bello? E' a pergunta que o "Jornal dos Poetas", hebdomadario de Bruxellas, fez a alguns escriptores belgas e francezes. Vejamos a resposta de Gustavo Kahn:

"Um poema incoherente não póde ser bello, mas um poema póde parecer incoherente ao leitor commum e o confrade, o poeta, póde encontrar nelle uma fórma de ordem — disposição differente da tradicional: ordem, apesar de tudo: latente ou superior."

E eis a resposta de Georges Ricmont-Dessaignes:

"Um poema incoherente póde ser bello? Mas que é a incoherencia? A ausencia de ordem, de regras prosodicas? O extremo afastamento de imagens juxtapostas? Mas tudo é relativo. Stephane Mallarmé é absolutamente incoherente. Incoherencia pura? Sabe-se a receita que dava Tristan Tzara para a fabricação de um poema: mettam duas palavras num chapéo e tirem por sorte. Está claro que elle não disse que a "belleza" brotará de encommenda, mas supponho que se entende por bello o que attinge o centro do individuo e o faz entrar em transe. Ora, isso está fóra do equilibrio — creio mesmo que o bello, no momento em que parece bello, é uma ameaça ao equilibrio do individuo. O incoherente póde tão bem, e mesmo melhor do que o coherente, attingil-o; mas isso sae da analyse e das receitas. Não ha receitas de bello."

* * *

SER desejada, para uma mulher, é não envelhecer... — *Jean Lorrain.*

* * *

A "Comœdia" de Milão consaga um estudo ao theatro annamita, que ella define como "um theatro popular, religioso e nacional".

"A familia annamita vae ao theatro para evocar as suas origens. A linguagem do theatro lhe escapa, como o latim da Egreja escapa ás multidões occidentaes. E' preciso um grão de cultura superior para comprehender e apreciar os textos archaicos e o bom povo indo-chinez não percebe mais do que nós as tiradas cantadas por seus actores.

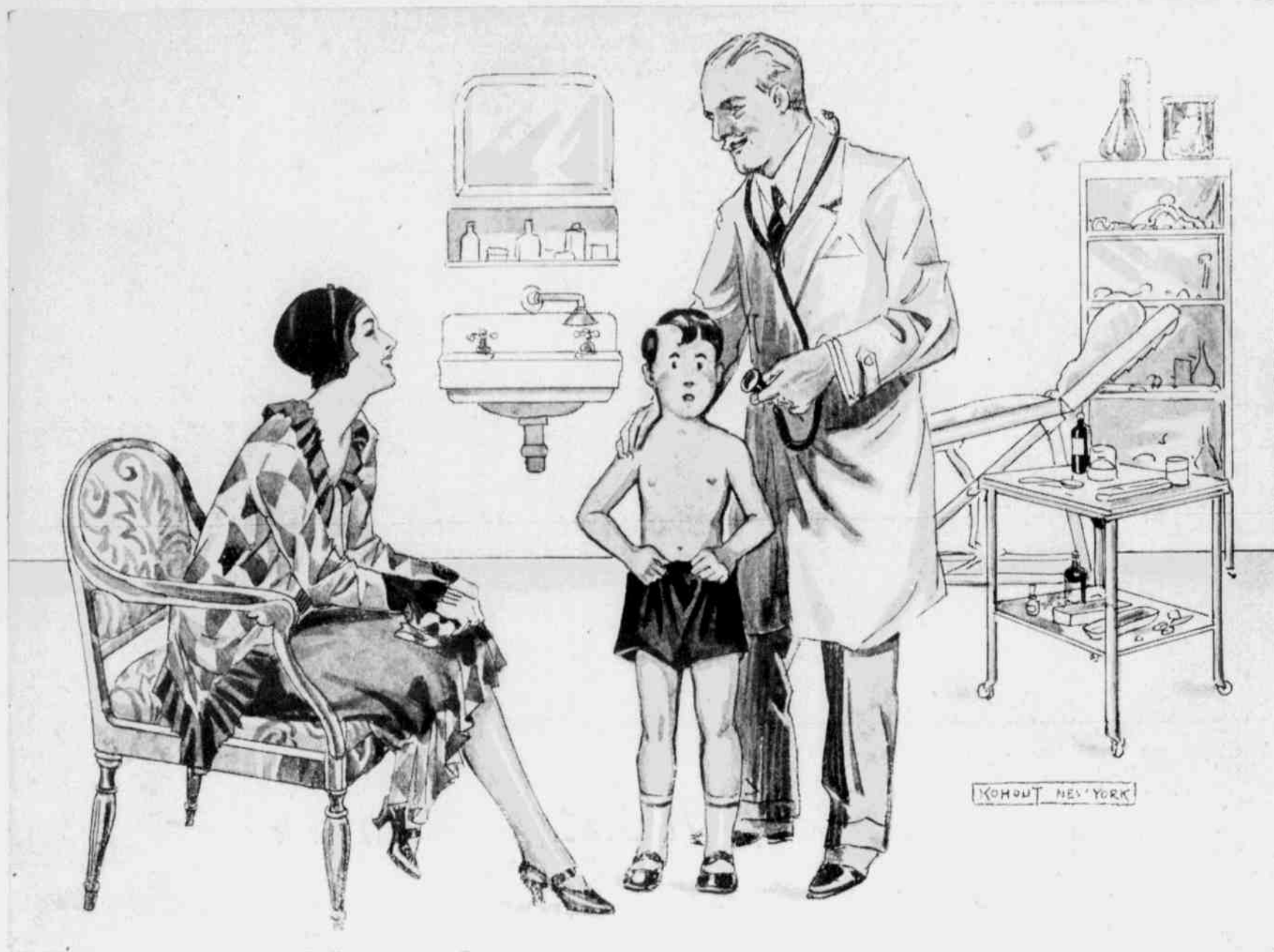
Mas sabe, entretanto, que vae ver typos tradicionaes e immutaveis representando uma sociedade legendaria de deuses e de heróes, piedosamente adaptados á raça annamita como os latinos, os gaulezes e os anglo-saxonios adoptaram a velha biblia do povo de Israel.

"... As peças provenientes de Annaes legendarios chinezes, são, antes de tudo, historicas, feericas, tradicionaes. A Indo-China mantem a sua illusão na immobilidade dos tempos por uma tradição escrupulosamente respeitada, na qual o realismo do theatro se propõe a fazer reviver typos immutaveis e syntheticos. O espectador sabe com antecedencia o que vae ver. Tudo no theatro está legalisado como na realidade: cada um tem o seu logar, a sua casta, e até os seus trajes fixados pelo Codigo annamita.

"Os trajes para scena são impostos pelos codigos de Lé e de Djalong, como os codigos chinezes dos Tang e dos Tsing. O theatro evoca os mythos cyclicos concernentes ao céo e á terra. O titulo de uma peça não tem importancia em si, e muitos dentre elles são deste genero: os "Tres reinos", a "Paz do Oeste e a Paz do Este". Por outro lado, o theatro annamita não tem hoje em dia o caracter eminentemente moral que caracterisa o velho theatro chinez."

* * *

SEJAMOS alegres, lembrando-nos de que as desgraças mais penosas de supportar são as que nunca chegam. — *Lowell.*

"A mocidade e como o Lotus:
floresce apenas uma vez."
KOHOUT.
VALE A PENA
PENSAR
A mocidade é uma só — e esta mesmo pode ser abreviada pelos estragos da saude. Defender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até a velhice.
A fonte perenne de conservação para o sexo feminino é
A Saude da Mulher.
Favorece as Mocinhas,
porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.
Favorece as Senhoras,
porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores-Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.
Favorece as Senhoras mais edosas,
porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

— Não é nada, minha senhora . . ..

— Quando as mães são prudentes e cautelosas como V. Ex., certas doenças dos filhos perdem a importancia. A tosse do seu menino, si não fosse tratada a tempo, poderia tornar-se grave, porque uma tosse é sempre um perigo para uma creança. É descuido imperdoavel dos paes deixar de tratar, ás primeiras manifestações, a tosse dos filhos pequenos, porque a tosse enfraquece o pulmão e o expõe a males mais serios. **Mas cortando** a tosse no começo, o caso perde a importancia. É o caso do seu pequeno: dê-lhe **Bromil** e não se preoccupe.

O Bromil é o melhor remedio conhecido para a Tosse das Creanças: ás primeiras doses, faz cessar a tosse, desinfectando os pulmões e soltando o catarrho.